



BOLA

JORNAL DE TODOS OS DESPORTOS

FUNDADOR: CANDIDO DE OLIVEIRA

DIRECTOR: ANTÓNIO RIBEIRO DOS REIS

DIRECTOR-ADJUNTO: VICENTE DE MELO

ANO XVII

2282

EDITOR

J. GONÇALVES BANDEIRA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
R. LUZ SORIANO, 87 * LISBOA
PROPRIEDADE: SOCIEDADE
VICIA DESPORTIVA, LIMITADA
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
TRAV. DA QUEIMADA, 23, R/C
TELEFONES: N.º 33981/2/3

LISBOA
2.ª-FEIRA
10
JULHO
1961

PUBLICA-SE AS 2.ªS, 5.ªS E SÁBADOS

Preço avulso 1\$50

NO PORTO, A GRANDE FESTA DO FUTEBOL PORTUGUÊS

O LEIXÕES GANHOU A «TACA DE PORTUGAL»

PARA UMA FINAL INÉDITA UM VENCEDOR INÉDITO E SENSACIONAL!



COUBE a dois clubes da mui nobre cidade do Porto escreverem a última página de futebol, na época de 1960-61. Honra grande, a que não faltou a moldura humana mais numerosa e vibrante, que se ilustrou com a presença do Supremo Magistrado da Nação, que lhe ofereceu a grandeza máxima a que os grandes acontecimentos desportivos aspiram — foi, sem dúvida, um digno ponto final para um ano que ficará inesquecível nos fastos do Desporto da nossa Pátria.

Para trás ficaram momentos magníficos que encheram de festa e de

POR
JOSÉ OLÍMPIO

orgulho os que acompanham, dia a dia, o fenómeno desportivo — como o êxito dos juniores portugueses, na «Torneio do Europe», a esplêndida vitória do Benfica na «Taca dos Campeões Europeus», o triunfo valioso do Sporting, na «Taca Teresa Herrera» e a agradável carreira da selecção nacional, no prologo do Campeonato do Mundo.

No estrado do tempo, postavam-se, em jeito de marcos brancos, as mais belas e definitivas expressões da capacidade do futebol português.

a grande construção dramática dos Campeonatos e Tacas.

Quiseram os fados que fossem duas equipas da Cidade da Virgem as eleitas para a festa de honra — para que um ano vivido sob o signo da novidade não se desmentisse, no seu derradeiro discurso, O Leixões pôde a dobrado cumprir.

A par do Futebol Clube do Porto, equipa azevada nos mais altos nos, subiu ao retrado o grupo do grande vencedor pela primeira vez, na longa vida da colectividade de Matosinhos. Estreou-se como efina- lista e venceu.

E ninguém poderá negar-lhe o direito a honraria que conquistou, numa «Taca», durante a discussão da qual, pelos sucessos próprios do futebol ou por circunstâncias marginais, sucumbiram clubes como o Sporting e o Benfica, o Belenenses e o Vitória de Guimarães.

Pode o grupo de Ousado Silva orgulhar-se da sua carreira, num ano decisivo par o futebol português.

E decisivo — escreva-se o primeiro apontamento! — não só porque nos escancarou, de par em par, a porta grande dos maiores salões das estranhas, como pela perturbação que estreou, no sangue e nos nervos, a maior parte dos clubes de Portugal, nas vésperas do Estatuto Profissional, para empregar a expressão que nos entrou na linguagem.

seu lugar, na «final», justificou-o sem discussão, com o jogo e com o resultado.

Depois duma primeira parte em que adreçou perturbar o seu poderoso adversário, com uma velocidade primaveril e mais uma ciência perfeita de marcação, pôde, no segundo tempo, recidir aos arranjos do Porto e construir a mais bela vitória da sua vida.

Indiscutível vitória. Assim, nem uma vez só o grupo de Leixões conheceu, durante a sua carreira na «Taca», o gosto amargo da derrota. O último instante de perigo — e este seria sem apelo, in-

(Continua no 6.º pág.)



GRANDE VITÓRIA Momento extraordinário na vida do Leixões, a equipa de Matosinhos conquista, nas Antas, contra o F. C. Porto, a «Taca de Portugal». O treinador Filipo Nuñez, grande obreiro do triunfo, é passado aos ombros dos seus jogadores.

O MOMENTO DE UM GRANDE CLUBE

YAUCA está para o BELENENSES

como SIJADEZ estivo para o BARCELONA

em saída magno do desporto, descobrindo oficialmente o plano simbólico sobre mais acima. A honra acaba conquistada; o



Após quarenta e um anos de existência, o Belenense entrou num novo capítulo da sua história. E de tal maneira são incertos e melancólicos os dias que se vão seguir a esta entrevista que nada, hoje, nos faz prever a nós, jornalistas, e ao nosso entrevistado, capitão Baptista da Silva — o homem e o desportista que toda a gente conhece qual

ENTREVISTA DE HOMERO SERPA

será o caminho que os azuis vão escolher para que o clube continue, como até aqui, a servir a causa desportiva sem quebra de prestígio nem de valor. Evidentemente, quanto a nós a dificuldade está só em definir o trilho por onde o Belenense terá de caminhar nos próximos tempos, por-

-proclama o cap. BAPTISTA DA SILVA, vice-presidente da colectividade «azul»

que, apesar da crise que atravessa ser a pior de todas quantas já viveu, o Belenense saberá sair desta renovação e confiante.

E, não obstante ser grave, uma crise pequena de mais para um clube tão grande, para um clube que soube impor-se a todos os outros, mesmo quando a sua sede era apenas um banco do Jardim de Belém, onde em tempos o Belenense marcou. Porque, hoje, quarenta e um anos passados, o Clube da Cruz de Cristo tem raízes radicadas em todo o

terrápago português, do Minho ao Alentejo, dos Açores a Timor, e adeptos espalhados por todas as partes do Mundo. Um clube assim não pode deixar de cumprir a sua missão desportiva, sejam quais forem as dificuldades por que tenha de passar. Também os caravelas, cujo símbolo o Belenense escolheu para seu distintivo, tiveram de enfrentar mares revoltos pelas tempestades, horrores e crendas e nem por isso deixaram de chegar aos seus destinos e cumprir a sua missão civilizadora. O Belenense herdou desses marinheiros o espírito e a tenacidade e a sua grandeza não poderá, sequer, sair beliscada desta conjuntura.

Além, julga pelo valor do Clube a comenda da ordem de Cristo e pela sua contribuição para o desenvolvimento atlético do país a recen-

(Continua na 5.ª pág.)

PRESENÇA HONROSA

Dando à final da «Taça de Portugal» a solenidade da grande festa do futebol lusitano, o Presidente da República, almirante Américo Tomás, desportista convicto e de velha data, não faltou nas Antas. Ei-lo, em cima, a entregar as medalhas às duas equipas finalistas; e, em baixo, depois de ter entregue o troféu a Raul «capitão» da equipa do Leixões, a assistir, compreensivamente, à alegria da gente de Matosinhos.



Estádio das Antas, no Porto. Árbitro: Dr. Décio de Freitas de Lisboa. LEIXÕES — Rosas; Santana e Pacheco; Ventura, Raul (cap) e Jacinto; Medeiros, Osvaldo, Oliveira, Silva e Gomes. F. C. PORTO — Acursio; Virgílio

LEIXÕES, 2 — F. C. PORTO, 0

VELOCIDADE, VELOCIDADE

QUEM A TEM CHAMA-LHE SUA...

CRONICA DE AURÉLIO MÁRCIO

(cap.) e Barbosa; Ivan, Arcanio e Monteiro da Costa; Carlos Duarte, Hernani, Noé, Serafim e Perdigão. Primeiro tempo: 0-0. Segundo tempo: 2-0. O Leixões resumiu o jogo com 19 homens, devido a lesão de Osvaldo, que se magoou no declinar do primeiro tempo. Aos 5 minutos, Osvaldo, regressou para extremo-esquerdo, trocando de lugar e de funções com Gomes, mas, ao quarto de hora, nova alteração: Silva recouo. Gomes voltou para extremo e Osvaldo ficou à frente, com Oliveira.

Aos 21 minutos, 1-0. O ataque do Leixões apareceu na grande área do F. C. Porto e Osvaldo meteu a bola para SILVA. Este correu, imediatamente, e, desmarcado, marcou a vontade. Três minutos depois, 2-0. Jogada de troca de bola no ataque do Leixões, mas Barbosa aparece em boa posição para a despatchar, hesita, demora e OLIVEIRA teve tempo de acorrer e marcar, batendo Acursio, irremediavelmente.

Foi uma final digna do prestígio da prova. Um excelente desafio de futebol — das melhores finais que temos presenciado. Disputada num ambiente condigno, pois a cidade do Porto honrou as suas melhores tradições enchendo por completo o campo, e o público teve fartos motivos para se entusiasmar e vi-

brar com as peripécias do encontro. Alegria e decepção. Entusiasmo e vibração e actual melho de futebol de qualidade indispensável para catalogar esta final como das mais emotivas e das mais disputadas da história da Taça de Portugal. Não há a mínima parcela de exagero nesta afirmação. Esta final constituiu um autêntico jogo da «Taça», no que o futebol em geral e o da «Taça» em particular envolve de tristeza e de alegria de entusiasmo e de acobanhamento de doçidos e de depressão, de vibração e de amarfanhamento, de lágrimas, de dor, de desespero e de satisfação.

E para que tudo fosse sensacional nesta final inédita, neste lindo espectáculo de futebol, também o favorito não ganhou, como é da lógica. Uma equipa jovem, imbatida na «Taça», conheceu o descuramento e a audácia de ridicularizar uma

das mais valiosas turmas do futebol português, brincando nas fases finais do encontro, exibindo um futebol a um tempo simples, vistoso, gracioso e prático que encantou e conquistou o público, qualquer que fosse a sua cor clubista. Jogadores jovens, que começam agora a subir à estrada da fama e da glória, impuseram-se a nomes famosos do futebol português. De tal modo que, para alguns deles, este encontro lhes apareceria como jogo da última esperança e um título antes

(Continua na 5.ª pág.)

NA TAÇA DAS TAÇAS PARABÉNS, LEIXÕES! BOA SORTE, LEIXÕES!

Primeiro adversário: LA CHAUX-DES-FONDS

Guardado estava o bocado... O bocado é, no caso, a Taça das Vencedoras das Taças, que, este ano, se disputa pela primeira vez, trazendo novo interesse e novo significado à conquista da Taça de Portugal. Ora, porque, daquele torneio europeu, poderão advir largas vantagens financeiras e um apreciável acréscimo de prestígio para as equipas concorrentes, mostravam os dirigentes e adeptos dos clubes um empenho especial em vencerem a prova, contando, alguns deles, antecipadamente, com as receitas que a novo torneio da U. E. F. A. lhes proporcionaria, para resolver algumas das suas dificuldades

económicas. Se os dirigentes e adeptos do Leixões também deixavam tais contos à vida, nunca o disseram em público, talvez porque receassem não ser levados a sério e cair no ridículo. Outros pretendentes, mais qualificados, ou menos prudentes, se tinham como predestinados a resolver algumas das suas dificuldades

(Continua na 5.ª pág.)

VOLTA DO FUTURO SOUSA CARDOSO OCUPA O 6.º LUGAR DA CLASSIFICAÇÃO GERAL (LER NA 3.ª PAG.)

O ASSUNTO DO MOMENTO O BELENENSES ESCLARECE

A fim de apreciar a situação do clube, nos vários aspectos que se relacionam com o resgate do Estádio do Restelo, pela Câmara Municipal de Lisboa, reúne-se, depois de amanhã na Casa das Beiras a Assembleia Geral do Belenense. Entretanto, para esclarecimento e documentação prévia dos seus associados, a Direcção do Belenense fez distribuir por eles a seguinte nota explicativa:

I — Em escrituras públicas celebra, das entre a Câmara Municipal de Lisboa e o Clube de Futebol «Os Belenenses» escrituras de 1952, 1956 e 1957 ficaram consignados os seguintes princípios fundamentais: a) concessão dada pela Câmara para a utilização dos terrenos a título precário, pelo prazo de 25 anos; b) regresso das terrenos à plena

O CASO DO RESTELO

Uma nota explicativa distribuída aos sócios

posse da Câmara, no termo da concessão, com todas as construções, parques e jardins neles implantados, seu direito, por parte do clube, a qualquer indemnização; c) resgate, pela Câmara, da concessão, a todo o tempo, mediante indemnização ao clube;

- d) pagamento pelo clube à Câmara de uma renda mensal de 33 304 570 de Janeiro de 1958 a Dezembro desse ano e a partir de Janeiro de 1959 até 1979 de uma renda mensal de 149 874 570;
- e) pagamento da percentagem de 10 % pelo clube à Câmara sobre todas as explorações não desportivas realizadas no Estádio;
- f) na falta de pagamento da renda, dentro dos prazos estabelecidos (de 1 a 3 de cada mês), o direito da Câmara a posse plena do Estádio

(Continua na 7.ª pág.)